

BARTHES, Roland. Escritores, Intelectuais, Professores e outros ensaios. Lisboa, Editora Presença, 1975.¹

O livro é de 1975, chama-se Escritores, Intelectuais e Professores. Queria resenhar Barthes, o livro, escolhi pelo título, imaginei que encontraria reflexões interessantes sobre esse trio, seja integrando-os numa possível harmonia, ou demonstrando que essa formação é impossível. E também o considerei pertinente para um curso vinculado à Educação.

Há uma ligação fundamental entre ensino e fala; o professor estaria do lado da fala. Desta, Barthes traz o constrangimento de seu caráter de irreversibilidade, pois não poderemos corrigir uma palavra, salvo quando assumimos que a corrigimos.

Há uma Lei que coordena e permite a inteligibilidade das falas. Para sermos compreendidos é preciso obedecer as regras estabelecidas pelo código. O professor, então, que exerce a fala, deve estar ciente dessa "encenação", que o coloca no lugar do perfeito executor das regras do bem falar: a clareza, a autoridade, a certa velocidade de enunciação, sem repetições; ou subverte a Lei, deixando aparecer a irreversibilidade da fala, colocando suas imperfeições de orador, assumindo o papel que lhe é dado pelos alunos, de professor extremamente humano, "liberal".

Mas, o professor, ainda preocupado com o poder da fala e com sua transformação em escrita, se constrange com as intermináveis anotações dos alunos, aqueles, trechos tomados aqui e ali de um raciocínio complexo, que são resumidos em poucas palavras numa folha de papel. Seu discurso, ele nunca saberá por quando escutas variáveis passou, e como ficou. A enunciação ultrapassa o enunciado, portanto,

¹ Resenha realizada durante curso: O Texto e as Práticas Pedagógicas (EDC 703), ministrado pela professora Mary Arapiraca no semestre 1999.1 - PPGE/UFBA. aquele que fala, diz mais o que queria dizer, pois quem se expõe a cada palavra escolhida, é o sujeito que a escolheu.

Esse lugar da enunciação vem acompanhado das inseguranças. Se o que importa é a aprovação, aparece a desconfiança da honestidade dos que o aprovam, se, pelo contrário, é descartável a necessidade de um acolhimento, o professor se sentirá "desafinado", dando alibi aos discursos missionários, cheios de palavra vazia. É então essa a "cruz" de toda fala pública, como a do professor, fundada na transferência, esse vínculo afetivo intenso que se instaura de forma automática e atual. É essa transferência que qualifica essa relação, que toma o pedido desse encontro como "fundamentalmente intransitivo".

Penso que é esse o tema principal do texto, a importância da transferência na relação professor e aluno, a ciência, o método, o saber, a ideia viriam como, em segundo plano, "por portas travessas", como Barthes mesmo diz. O que são estabelecidos, não são simplesmente os papéis sociais, espécie de disputa de autoridade ou de direito, mas os lugares da fala, lugares esses deslocáveis, pois, a origem de uma fala não a esgota, depois que ela partiu, acontecem-lhe muitas aventuras, e o que passa a importar são os efeitos que excedem a sua causa, aqueles que são operados nos encontros com outras falas. Devemos estabelecer desencontros entre o querer e o poder saber.

No âmbito pedagógico existem então muitas falas, e o caminho seria o de procurar uma "flutuação", que se contentaria em desorientar a Lei, tudo aquilo que infringe uma razão ao lugar docente (as obrigações da profissão, a necessidade de salário, a tirania do saber, o prestígio dos métodos, a ideologia) e permitir que elas aconteçam.

Sílvana Maria Crisi Sarno*

*Mestra em Educação -
UFBA/PPGE Faculdade de
Educação Psicanalista